

Carta de Antonio Candido



Carta de Antonio Candido de Mello e Souza em resposta ao pedido de concessão de entrevista da comissão da Revista Humanidades em Diálogo. 28 de junho de 2008.

NOTA DE EDIÇÃO: A comissão da Revista teve a iniciativa de pedir uma entrevista ao professor Antonio Candido para o terceiro volume. A carta que selecionamos abaixo é a resposta do professor ao nosso pedido. Ele recusara o pedido. Entretanto, fê-lo com palavras bastantes gentis, juntamente a convidar-nos para uma reflexão conjunta a respeito do motivo de não conceder a entrevista no seu momento de aposentadoria e perplexidade com o mundo, enquanto um intelectual público.

Esta carta de Antonio Candido, originalmente datilografada, foi encontrada pelo professor Caetano Ernesto Platino, professor do Departamento de Filosofia da USP e ex-tutor do PET-Filosofia, em seu arquivo pessoal privado, por ocasião do triste falecimento de Antonio Candido no início do ano de 2017.

Agradecemos à Ana Luísa Escorel, Laura de Mello e Souza e à Marina de Mello e Souza, filhas do professor Antonio Candido, que gentilmente autorizaram a publicação desta carta.

São Paulo, 28 de junho de 2008

Caros Jovens:

Muito obrigado pela revista, pela carta, pelo convite. Infelizmente, quanto a este devo decepcionar vocês, pois já não dou entrevistas. De fato, já me recolhi ao silêncio depois de ter falado e escrito muito; talvez demais. Hoje só faço ambas as coisas quando é absolutamente necessário. Desculpem.

Na verdade, já me sinto fora de órbita e confesso não entender o tempo que corre. Os meus parâmetros caducaram e não sei se há outros válidos. Pelo menos não os conheço. Diante do mundo e do Brasil como estão, fico perplexo e meio desorientado, o que leva insensivelmente ao pessimismo. E eu, que sempre fui otimista como socialista militante, para o qual a crença no aperfeiçoamento possível da sociedade e do homem é pressuposto, não gostaria de manifestar aos mais jovens o meu estado meio negativo de espírito, bem como a confissão das minhas decepções. Os moços devem acreditar muito, para poderem pensar com retidão e lutar com desassombro.

Além disso, como vocês verão no devido tempo, a partir de certa altura da vida, se tivermos a sorte que eu tive de viver muito, é bom ficar quieto. O tempo de falar não é indefinido. Tem limite, e o bom senso manda observá-lo. Eu já me sinto limitado e por isso prefiro o silêncio, a não ser quando “um poder mais alto se levanta”.

Gostei muito da revista, tanto da concepção do grupo quanto da realização. A convergência de setores diferentes do saber pode ter consequências positivas. Vocês estão no rumo certo e a seriedade dos escritos é motivo de admiração e esperança. No meu tempo de estudante, ou recém-formado, éramos bem menos capazes do que os autores dos artigos deste número I. Parabéns.

Se permitem um reparo de boa vontade, eu apenas recomendaria mais atenção à língua. Ela é a alma da sociedade e deve ser o mais correta e clara possível, a fim de transmitir direito o pensamento.

Abraço afetuosos do Antonio Candido

São Paulo, 28 de junho de 2008

Caros Jovens:

Muito obrigado pela revista, pela carta, pelo convite. Infelizmente, quanto a este devo decepcionar vocês, pois já não dou entrevistas. De fato, já me recolhi ao silêncio depois de ter falado e escrito muito; talvez demais. Hoje só faço ambas as coisas quando é absolutamente necessário. Desculpem.

Na verdade, já me sinto fora de órbita e confesso não entender o tempo que corre. Os meus parâmetros caducaram e não sei se há outros válidos. Pelo menos não os conheço. Diante do mundo e do Brasil como estão, fico perplexo e meio desnordeado, o que leva insensivelmente ao pessimismo. E eu, que sempre fui otimista como socialista militante, para o qual a crença no aperfeiçoamento possível da sociedade e do homem é pressuposto, não gostaria de manifestar aos mais jovens o meu estado meio negativo de espírito, bem como a confissão das minhas decepções. Os moços devem acreditar muito, para poderem pensar com retidão e lutar com desassombro.

Além disso, como vocês verão no devido tempo, a partir de certa altura da vida, se tivermos a sorte que eu tive de viver muito, é bom ficar quieto. O tempo de falar não é indefinido. Tem limite, e o bom senso manda observá-lo. Eu já me sinto limitado e por isso prefiro o silêncio, a não ser quando "um poder mais alto se levanta".

Gostei muito da revista, tanto da concepção do grupo quanto da realização. A convergência de setores diferentes do saber pode ter consequência positivas. Vocês estão no rumo certo e a seriedade dos escritos é motivo de admiração e esperança. No meu tempo de estudante, ou recém-formado, éramos bem menos capazes do que os autores dos artigos deste número 1. Parabéns.

Se permitem um reparo de boa vontade, eu apenas recomendaria mais atenção à língua. Ela é a alma da sociedade e deve ser o mais correta e clara possível, a fim de transmitir direito o pensamento.

Abraço afetuoso do Antonio Candido